

# INTRODUÇÃO

O Papa Francisco, fiel à sua reconhecida vocação de liderança no mundo de hoje, anunciou, para o ano de 2020, a intenção de promover um *Pacto Educativo Global*.

Na apresentação do projeto, apelou à necessidade de «reavivar o compromisso em prol e com as gerações mais jovens» e de estimular «uma ampla aliança educativa para formar pessoas maduras capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma Humanidade mais fraterna», «uma aliança entre os habitantes da Terra e a “casa comum” à qual devemos cuidado e respeito, uma aliança de paz, justiça, aceitação entre todos os povos da Família Humana, bem como de diálogo entre as religiões».

E acrescenta, de acordo com a dinâmica *sinodal* (do Grego *odos*, «caminho», + *sin*, «em conjunto») que tem vindo a promover dentro da Igreja, que convida «cada um para ser protagonista desta aliança»<sup>1</sup>.

Nesta situação e da minha parte, enquanto profissional comprometido há largos anos com o sector da Educação, dispus-me a responder ao convite. No entanto, encontrei-me, como todos nós, nesta estranha e inesperada quarentena imposta pela covid-19 e, após a desorientação inicial, verifiquei que nos encontrávamos todos em *processo educativo* a aprender a maior *lição*,

no sentido etimológico de «recolher, reunir, ler», sobre como *vivemos*, o que *sabemos* e o que *amamos* e ainda em relação com o *passado*, o *presente* e o *futuro*.

Com efeito, sofremos a quase paralisação do que era o *nosso viver no Passado*:

- \* grandes espaços – cidades, regiões, países inteiros – fechados pela pandemia;

- \* povoações com as praças vazias e as ruas desertas;

- \* transportes – automóveis da terra, barcos do mar, aviões do ar – estacionados;

- \* centros religiosos como o Vaticano e a Kaaba, em Meca, sem fiéis, grandes santuários sem peregrinos, templos e igrejas sem praticantes;

- \* universidades e escolas de todo o tipo e de todos os graus sem alunos presentes;

- \* centros de turismo e de cultura, monumentos e museus, salas de espetáculos e campos de desporto sem visitantes;

- \* feiras, hipermercados e lojas de comércio sem compradores;

- \* hotéis, restaurantes e cafés sem clientes;

- \* e, ao vermos e ouvirmos por todo o lado «fique em casa», de facto ficámos e, do muito que na vida fazíamos, *agora pouco fazemos*.

Simultaneamente, a tão antiga sensação do nosso *não saber* anda a ser plenamente revivida *no Presente*:

- \* habituados, todos os grupos humanos espalhados por todos os lugares do planeta e ao longo de todos os séculos, a ir encontrando, através da experiência, da técnica e da ciência, soluções para os nossos problemas,

\* andamos a descobrir diariamente, através de tantas informações confusas, desconexas, opostas, contraditórias, provenientes dos meios de comunicação social, de responsáveis dos mais diversos sectores da sociedade, de direcções-gerais, de governos, de chefes das maiores nações, da própria Organização Mundial da Saúde, que, perante a nova pandemia de covid-19, a nossa ignorância é outra já velha pandemia,

\* e acabamos estupefactos perante factos novos como centros universitários de investigação e laboratórios do mundo inteiro, indo além da tradicional competição e como nunca antes aconteceu e à escala mundial, se apresentarem hoje unidos e empenhados, no máximo da sua atividade e esforço e num processo de que ainda não se vislumbra o fim, em descobrir pistas sobre a covid-19, e verificamos que, afinal, acerca do que é hoje para nós o mais importante e urgente na defesa das nossas vidas, se mantém a sensação antiga da nossa ignorância, «não sei nada... só sei que nada sei... e quanto mais sei, mais sei que nada sei» (Sócrates), *quase nada sabemos*.

Por outro lado e entretanto, parece andar a crescer em nós a fina sensação de, através do *verbo amar*, andarmos a intuir o horizonte *do Futuro*:

\* ao não podermos manter a atividade nos lugares tradicionais, adotámos em casa o teletrabalho;

\* tendo perdido o contacto pessoal direto com os outros, recorremos mais e melhor aos antigos e novos meios de comunicação social;

\* olhamos, sorrimos e cantamos, uns para os outros, das varandas e janelas;

\* apoiamos iniciativas de pessoas e grupos que ajudam os pobres, cuidam os idosos, apoiam os que vivem em solidão;

\* e quando a nossa atenção recai sobre as frentes de batalha – hospitais, centros de saúde, lares, núcleos de apoio –, perante os *heróis* – médicos, enfermeiros, assistentes operacionais de todos os sectores de serviço – que permanecem no seu lugar, aguentam, cuidam, sofrem e morrem, sentimos que todos andamos por eles a *ser educados* no que é verdadeiramente essencial: *cada vez mais nos amamos*.

Mas antes de me encontrar envolvido nesta situação inesperada, ao pensar na maneira de melhor prestar a minha contribuição, vinha sentindo a necessidade de começar por clarificar questões fundamentais da linguagem, visando a abordagem das *três palavras* centrais do título do projeto:

\* a evolução e atualidade do sentido da palavra *educação*;

\* até onde nos leva o sentido da palavra *global*;

\* quanto vai exigir de nós o sentido da palavra *pacto*.

Vejamos por partes.

Acerca do que é *educar*, como de qualquer outro assunto, os seres humanos comunicam através da fala e dos respetivos sinais fonéticos que são as *palavras*.

«A falar é que a gente se entende», diz o nosso povo.

Mas é claro que realmente não é bem assim, ou porque as *palavras*, de tanto serem usadas, ficaram gastas e reduzidas a conjuntos de meros *palavreados* – «*palavras, palavras, palavras!*» (Shakespeare) – ou porque as escravizamos,

baralhando-as ou forçando-as a exprimir sentidos diferentes e aberrantes, ao serviço dos nossos egoísmos pessoais e/ou coletivos – clandestinos nas sociedades secretas, interesseiros na economia, ideológicos na política, elitistas na cultura, fundamentalistas nas religiões –, procurando sermos nós *a falar* por elas em vez de deixarmos que sejam elas *a falar* em nós, por nós e para nós.

O símbolo da Torre de Babel recorda a dispersão dos seres humanos por todas as regiões da Terra e a subsequente difusão das línguas.

Mas mesmo dentro de cada língua, palavras semelhantes foram tomando sentidos diferentes como, por exemplo, acontece no Grego *logos* e no Latim *verbum*, a palavra entendida como *sinal* (que traduz ou exprime *aquilo que é* e é utilizada na *prosa* pela ciência, a técnica e a prática da vida) e no Grego *parabolé* e no Latim *parabōla*, a palavra entendida como *símbolo* (que evoca ou sugere *aquilo que pode ser* e é utilizado na poesia e em toda a tradição das letras e das artes). Algo semelhante encontramos no Extremo Oriente com as palavras *Dharma* e *Karma* na tradição indo-budista, as palavras *Tao* e *Tó* na cultura sino-japonesa, e na língua hebraica a palavra *dabar* entendida não como a *designação* de *realidade* mas como a própria *realidade designada*.

Por outro lado, sabemos de tentativas ancestrais para ultrapassar esta situação e chegar aos «nomes verdadeiros» das coisas (Platão no *Crátilo*), portadores do «sentido verdadeiro» (Estoicos), aos «nomes naturais» (Nicolau de Cusa) e, assim, procurando o sentido de cada palavra, remontar à sua forma original, ao seu *étimo*.

Este esforço, ainda sem êxito a nível planetário, obteve resultado na tomada de consciência de que todas

as línguas faladas desde Portugal ao Bangladesh (e, conseqüentemente, em todo o círculo planetário das regiões em que elas acabaram por se difundir), com exceção do Basco, do Húngaro e do Finlandês-Estoniano, brotam do tronco comum denominado *Indo-Europeu*.

E este resultado da investigação de um numeroso grupo de autores chega até nós através de Álvaro Gomes no que respeita a um vasto conjunto de raízes de interesse para a *educação* no âmbito da metadidática.<sup>2</sup>

Nesta situação, e mesmo que nos exija algum esforço, proponho remontarmos aos *étimos* sempre que, por se tratar de *palavras-chaves*, o acharmos vantajoso.

E mais concretamente, no trajeto que vamos percorrer para chegarmos à compreensão do verdadeiro sentido do verbo *educar*, registemos desde já que não atingiremos esse objetivo percorrendo a longa e complexa evolução da palavra ao longo dos milénios, mas apenas quando remontarmos ao seu *étimo* riquíssimo e esclarecedor na sua relação com o verbo *amar*.

Passamos agora à segunda palavra: *global*.

Designamos *global* qualquer realidade de forma esférica ou redonda cuja superfície, circular em todas as direções, não permite dizer onde começa e onde acaba, onde tem o seu princípio ou o seu fim.

Nesta sequência, *global* designa qualquer realidade que é tomada ou considerada como um *todo* a que nada falta, inteiro, integral, completo.

Um exemplo que muito nos irá ajudar no futuro é a designação do objetivo que os coordenadores da *História da Humanidade* publicada pela UNESCO (1994) apontavam aos seus 450 colaboradores: «Voltar as costas aos

métodos analíticos e adotar uma abordagem de síntese» que conduza ao «inventário de uma herança absolutamente comum» que, de um ponto de vista *global*, nos abra o caminho para a elaboração de «uma verdadeira História *Global* da Humanidade». <sup>3</sup>

Acontece que o melhor e máximo exemplo do sentido de *globalidade* é a *Realidade Total*, o *Todo* em que nós todos nos consideramos inseridos e envolvidos.

Mas, aqui chegados, começamos a perder a *fala*. Como é que nos relacionamos com o *Todo*? Como *partes*. Ora a *parte*, por se encontrar dentro do *Todo*, simplesmente não tem a possibilidade de o *ver* na sua *globalidade* e, conseqüentemente, não lhe é possível *falar* a dizer como Ele é. Por outras palavras, para a *parte*, o *Todo*, na sua dimensão *global*, porque é invisível é também inominável.

Acontece assim, pela primeira vez no trajeto percorrido por nós até agora, que, por falharem as palavras, não podemos recorrer aos *étimos*.

Esta frustração aparece retratada no verbo grego *múō* que envolve o sentido de «fechar-se, fechar (especialmente os olhos e a boca)»: com os olhos fechados não *vemos*, com a boca fechada não *falamos*. Trata-se de um raciocínio lógico muito simples: no que diz respeito a qualquer coisa, antes de *falar* é preciso *ver*, caso contrário, mesmo continuando a haver muitas palavras disponíveis, não podemos verdadeiramente *falar*.

Talvez por isso os etimólogos, através do grego *mú* e do latim arcaico *mu*, levam-nos a remontar ainda mais longe, à raiz onomatopeica *mu*, caracterizada pelo fechamento dos lábios e que pode reduzir-nos simplesmente a

nos mantermos *mudos*, ou apenas a procurarmos imitar o *murmúrio* de uma corrente suave, ou a *mugir* – *mu! mu!* – como as vacas, ou a *balir* – *mé! mé!* – como as cabras e as ovelhas.

É destas últimas fontes linguísticas que chegam até nós as palavras *mistério* e *místico*.

A palavra *mistério*, na aceção parcial, atribui-se a qualquer realidade oculta ou secreta acessível apenas aos iniciados; na aceção *global* que aqui nos interessa, aponta para o Ser Infinito, indesvendável e inacessível aos seres finitos.

A palavra *místico* emprega-se para designar o ser humano que, esforçando-se por ultrapassar o nível da razão e recorrer a todas as dimensões mais profundas da sua inteligência, procura entrar em comunhão com o Ser Transcendente.

Dito de outro modo, em palavras mais simples: o místico é *a parte* à procura do *Mistério* que é o *Todo* na sua dimensão *global*.

E terminamos com a terceira palavra: *pacto*.

Acontece que enquanto os grandes *místicos* reconhecidos nas diversas religiões, perante o *Mistério* não conseguem ir além de uma ligeira *perspetiva* («vista ampla e ao longe», do \*IE *Spek-*, «olhar com atenção, observar contemplar» e, através do verbo latino *perspecto*, «examinar atentamente, olhar até ao fim»), os outros seres humanos comuns, não tão sensíveis ou nem sequer atentos ao *Mistério*, ainda nos contentamos com menos, ou seja, com viver ao nível da nossa visão individual, particular, *especial* (da mesma raiz \*IE *Spek-*), confinada à nossa *especialidade* ou campo do conhecimento ou da profissão

que dominamos como *especialistas*, por outras palavras, como pessoas que possuem conhecimentos ou habilidades mais ou menos excepcionais mas apenas dentro dos limites de um determinado campo do saber, da profissão ou da prática.

Esta situação, em que praticamente todos nós andamos caídos, aparece-nos descrita no espantoso testemunho dos já mencionados coordenadores da *História da Humanidade* ao registarem a decepção final sentida perante o resultado negativo do contributo de tantos seus colaboradores para a elaboração de uma «verdadeira “História Global da Humanidade” devido ao facto de todos eles se encontrarem reduzidos ao campo da sua *especialização* temporal e regional».

Com efeito, dos

\* «450 distintos especialistas de todos os ramos da cultura que contribuíram para este histórico acontecimento»<sup>4</sup>,

\* «especialistas de renome nas áreas do Direito, das Artes, Filosofia, Literatura, Tradição Oral, Ciências Naturais, Medicina, Antropologia, Matemática e Economia»<sup>5</sup>,

\* «na realidade são poucos, se não mesmo nenhuns, os historiadores que se especializam no estudo de generalidades»<sup>6</sup>.

Perante esta experiência exemplar, todos nós, sem deixarmos de reconhecer a vantagem de sermos bons *especialistas* e quanto mais melhor, impõe-se reconhecer também que só obteremos êxito se trabalharmos em equipa e, sobretudo, se o fizermos sem deixar de

ter em conta o *Todo*, ou seja, sem perdermos a visão de *generalistas*.

Por outras palavras, ao abordar as questões, não basta ter em conta cada *ponto de vista*, nem mesmo o *conjunto dos pontos de vista*, mas a *vista de todos os pontos*.

E dada a nossa referida incapacidade enquanto *partes*, para *ver* o *Todo*, ter presente ainda que se o *Todo – Mistério – Deus* se nos quiser revelar *falando*, como realmente nos advertiu no monte Horeb: «Este é o meu Filho muito amado, escutai-O», importa manter-nos *à escuta* para podermos ouvir tudo o que Ele tiver para nos dizer.

É esta situação complexa que a todos nos convida a tomarmos consciência da necessidade de, além de todas as nossas diferenças de povos no espaço, de gerações no tempo, de mundividências na cultura e de pontos de partida na religião, procurarmos estabelecer entre todos um verdadeiro *pacto* (do radical Indo-Europeu *Pak-*, *Pag-*, «fixar física ou moralmente», do qual, além do sentido da fórmula mais popular do verbo intermediário latino *pagare*, recebemos *pagar*, ou seja, «apaziguar por dinheiro» e, no sentido da fórmula mais elevada do verbo intermediário latino *pacare*, recebemos *pacificar*).

E é no âmbito deste segundo verbo que se abre perante nós todos a possibilidade, a necessidade, a urgência e a obrigação de, ultrapassando todas as nossas diferenças, procurarmos em todos os momentos e por todos os meios chegar ao acordo, ao consenso, ao ajuste e à convenção que constituam um verdadeiro *pacto* e nos proporcionem a verdadeira *paz*.

Ponderando tudo isto e ao longo desta quarentena, fui sendo levado a concluir que a melhor contribuição que

me é possível prestar para o projeto do Papa Francisco deverá consistir não em eu escrever pessoalmente mais coisas diretamente sobre o tema *educação*, mas em rever, relacionar, assimilar e transmitir os valiosos contributos dos muitos autores que fui recolhendo nas publicações mais recentes<sup>7</sup> e que, nos últimos tempos, ando a difundir no *Facebook*<sup>8</sup>.

Assim, passo a apresentar esta contribuição, pessoalmente modesta, nas três partes do projeto anunciado:

- \* evolução do sentido da palavra *educar*;
- \* como aceder à dimensão *global*;
- \* como chegar a um verdadeiro *pacto*.